INSTITUTO DE LINGUAGENS E LITERATURAS
CURSO DE LETRAS - LÍNGUA INGLESA

Milena Almeida Lima

A importância da consciência fonológica no processo de alfabetização bilíngue: implicações para o desenvolvimento linguístico

REDENÇÃO
2024

Milena Almeida Lima

A IMPORTÂNCIA DA CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO BILÍNGUE: IMPLICAÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO LINGUÍSTICO

Monografia submetida à Coordenação do Curso de Licenciatura em Letras - Língua Inglesa da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira,como requisito parcial para obtenção do grau de licenciado em Letras.

Área de pesquisa: Linguística Aplicada; Teoria de Aquisição.

Orientador: Prof. Dr. João Luiz Texeira de Brito
Coorientadora: Profª. Ma. Camila Araújo da Silva

Redenção
2024

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da UNILAB
Catalogação de Publicação na Fonte.

Lima, Milena Almeida.

L696i

A importância da consciência fonológica no processo de alfabetização bilíngue: implicações para o desenvolvimento linguístico / Milena Almeida Lima. - Redenção, 2024.
38f: il.

Monografia - Curso de Letras - Língua Inglesa, Instituto de Linguagens e Literaturas, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2024.

Orientador: Prof. Dr. João Luiz Texeira de Brito.
Coorientador: Profª. Ma. Camila Araújo da Silva.

1. Consciência fonológica. 2. Alfabetização. 3. Educação bilíngue. I. Título

CE/UF/BSP CDD 370.1175

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Instituto de Linguagens e Literaturas
Curso de Letras - Língua Inglesa

Milena Almeida Lima

Esta Monografia foi julgada adequada para a obtenção do Grau de Licenciado em Letras - Língua Inglesa, sendo aprovada pela Coordenação do curso de Letras-Língua Inglesa da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira e pela banca examinadora:

_____.

Orientador: Prof. Dr.
UNILAB

_____.

Prof. Examinador 1
UNILAB

_____.

Prof. Dr. Examinador 2
UNILAB

À minha avó Maria (in memoriam), carinhosamente conhecida como Cidinha, que me alfabetizou com amor e paciência, transformando letras em caminhos de descobertas. Seu legado vive em cada palavra deste trabalho.

Agradecimentos

À minha mãe, Sandra Helena, minha maior inspiração e a pessoa mais forte que conheço. Agradeço por ser meu porto seguro em todos os momentos, por me escutar com paciência e carinho. Sua força, seu amor e sua dedicação me ensinaram que não há obstáculo grande demais quando temos apoio e fé. Obrigada por acreditar nos meus sonhos como se fossem seus e por ser a luz que guia o meu caminho. Tudo o que sou e tudo o que conquistei carrega um pedaço de você.

Ao meu pai, Cleudon, agradeço profundamente por todo o apoio incondicional e pelos inúmeros ensinamentos que me proporcionou ao longo da vida. Lições que vão além do que qualquer experiência acadêmica poderia oferecer, moldando meu caráter, minha resiliência e minha visão de mundo. Obrigada por me ensinar que o conhecimento vai muito além dos livros. Sua presença foi fundamental para que eu alcançasse essa conquista.

Às minhas avós, que, de maneiras únicas, marcaram a minha vida. À minha avó Cidinha, que partiu cedo, mas cujos ensinamentos permanecem comigo até hoje. Foi em suas mãos cuidadosas que dei meus primeiros passos no mundo das palavras. Mesmo não estando mais aqui, sinto sua presença e sei que, de onde está, continua a velar por mim com carinho e orações. À minha avó Luzanira, que, mesmo sem ter tido acesso à educação formal, me inspira com sua força, sabedoria e determinação. Agradeço a ambas por tudo o que representam em minha vida e por serem pilares da minha história.

À minha avó de coração, Maria, à minha tia Hilda, ao meu padrinho Júnior e à minha madrinha Lúcia, por todo o amor. A todos os meus familiares e amigos, que participaram deste processo e compreenderam minha ausência.

A Carine Soares, Jennifer Gondim, Tamires Loaiane, Robson Diógenes e Vitor César, pela amizade, pelo companheirismo e por todas as conversas, discussões, risadas, apoio, atenção, conselhos e dedicação, tanto antes quanto durante a graduação. Sou imensamente grata por vocês fazerem parte dessa trajetória, contribuindo para a construção do meu eu.

Aos amigos que a Unilab me presenteou: Regila, Laurindo, Danilson, Alyne, Pedro Rui, Rafaela, Nico, Carlos e Mardison, pelo companheirismo, pelas risadas e pelos momentos compartilhados, que tornaram essa experiência ainda mais especial e significativa.

A todas as instituições e professores que fizeram parte da minha trajetória acadêmica, do ensino fundamental à graduação, minha eterna gratidão. Cada escola, cada sala de aula e cada docente contribuíram, de maneira única, para a construção do meu aprendizado. Agradeço pelas lições ensinadas, pelos desafios propostos e pelo constante incentivo ao meu desenvolvimento.

”O processo de alfabetização válido entre nós é aquele, que (...) não se satisfaz apenas (...) com a leitura da palavra, mas que se dedica também a estabelecer uma relação dialética entre a leitura da palavra e a leitura do mundo, a leitura da realidade.”

Paulo Freire

Resumo

Este estudo tem como objetivo analisar o desenvolvimento da consciência fonológica em crianças bilíngues que aprendem português e inglês. A metodologia utilizada foi de cunho bibliográfico, com base em fontes secundárias, como artigos científicos, livros, teses e dissertações, visando construir uma compreensão teórica sólida sobre o tema. Foram selecionados estudos relevantes publicados nos últimos dez anos em bases de dados reconhecidas, como Google Scholar, SciELO e Periódicos CAPES. A análise qualitativa dos dados coletados focou nas abordagens teóricas e empíricas que discutem o bilinguismo e a alfabetização, com especial atenção para os desafios fonológicos que essas crianças enfrentam. Scherer (2020) destaca a eficácia de intervenções estruturadas na promoção da consciência fonológica. Além disso, estudos de Ottoni (2024) sugerem que a exposição bilíngue melhora a flexibilidade fonológica, embora possa causar uma desaceleração inicial no desenvolvimento. Os resultados revelam que crianças bilíngues apresentam vantagens no desenvolvimento da consciência fonológica em comparação com crianças monolíngues, devido à capacidade de alternar entre os sistemas fonológicos de ambas as línguas. No entanto, também enfrentam dificuldades, como a interferência linguística, que pode atrasar a aquisição da leitura e da escrita. Atividades pedagógicas focadas na manipulação de sons e na distinção fonológica entre as línguas são eficazes para mitigar esses desafios. O estudo sugere que o apoio contínuo de professores e familiares é essencial para garantir o sucesso na alfabetização bilíngue. Além disso, a pesquisa levanta questões que podem ser exploradas em estudos futuros, como o impacto a longo prazo do bilinguismo no desempenho acadêmico e a eficácia de diferentes modelos de educação bilíngue. Conclui-se que, com intervenções pedagógicas adequadas, às dificuldades enfrentadas pelas crianças bilíngues podem ser superadas, levando a um desenvolvimento fonológico sólido e à alfabetização eficiente em ambos os idiomas.

Palavras-chave: Consciência Fonológica; Alfabetização; Educação Bilíngue.

Abstract

This study aims to analyze the development of phonological awareness in bilingual children learning Portuguese and English. The methodology used was bibliographic in nature, based on secondary sources such as scientific articles, books, theses, and dissertations, with the goal of building a solid theoretical understanding of the subject. Relevant studies published over the last ten years in recognized databases, such as Google Scholar, SciELO, and Periódicos CAPES, were selected. A qualitative analysis of the collected data focused on theoretical and empirical approaches that discuss bilingualism and literacy, with special attention to the phonological challenges these children face. Scherer (2020) highlights the effectiveness of structured interventions in promoting phonological awareness. Furthermore, studies by Ottoni (2024) suggest that bilingual exposure enhances phonological flexibility, although it may initially cause a slowdown in development. The results reveal that bilingual children show advantages in phonological awareness development compared to monolingual children, due to their ability to switch between the phonological systems of both languages. However, they also face difficulties, such as linguistic interference, which can delay reading and writing acquisition. Pedagogical activities focused on sound manipulation and phonological distinction between languages are effective in mitigating these challenges. The study suggests that continuous support from teachers and families is essential to ensure success in bilingual literacy. Furthermore, the research raises questions for future studies, such as the long-term impact of bilingualism on academic performance and the effectiveness of different bilingual education models. The conclusion is that with adequate pedagogical interventions, the difficulties faced by bilingual children can be overcome, leading to solid phonological development and efficient literacy in both languages.

Keywords: Phonological Awareness; Literacy; Bilingual Education.

Lista de Tabelas

Tabela 1: Resumo do referencial teórico - Bilinguismo 15

Tabela 2: Resumo do referencial teórico - Consciência Fonológica 19

Tabela 3: Resumo do referencial teórico - Alfabetização e Letramento 23

Lista de Abreviações

CF Consciência Fonológica
L1 Língua Primeira
L2 Língua Segunda
LE Língua Estrangeira
LA Língua Adicional

Sumário

1 Introdução **10**

2 Referencial Teórico **12**

2.1 Bilinguismo 12

2.2 Consciência Fonológica 17

2.3 Alfabetização e Letramento 20

3 Metodologia **25**

4 Análises e Discussões **27**

4.1 Desenvolvimento da consciência fonológica em crianças bilíngues 27

4.2 Dificuldades fonológicas e impactos na alfabetização bilíngue 29

5 Conclusão **32**

6 Bibliografia **34**

1 Introdução

A consciência fonológica desempenha um papel fundamental no processo de alfabetização, especialmente em contextos bilíngues, onde as crianças precisam desenvolver habilidades em duas línguas. Este conceito refere-se à capacidade de reconhecer e manipular os sons da língua, o que inclui a habilidade de dividir palavras em sílabas, identificar sons iniciais e finais, e compreender as relações entre sons e letras. No contexto bilíngue, a consciência fonológica se torna ainda mais relevante, pois a criança precisa aprender a lidar com dois sistemas linguísticos, o que pode oferecer tanto desafios quanto benefícios para o desenvolvimento linguístico. Neste trabalho, abordaremos a importância da consciência fonológica no processo de alfabetização bilíngue e suas implicações para o desenvolvimento linguístico das crianças.

Um dos principais problemas enfrentados por crianças bilíngues durante o processo de alfabetização é a interferência entre os dois idiomas, o que pode afetar a forma como elas percebem e processam os sons. Por exemplo, sons que existem em uma língua, mas não na outra, podem ser mais difíceis de aprender e de reconhecer. Além disso, a transição entre os sistemas fonológicos de duas línguas pode causar confusão, o que pode comprometer o progresso da alfabetização. Portanto, entender como a consciência fonológica se desenvolve em crianças bilíngues e como isso influencia o aprendizado de leitura e escrita é crucial para a implementação de métodos pedagógicos eficazes.

A justificativa para este estudo baseia-se na necessidade crescente de atender às demandas educacionais de populações bilíngues, especialmente em um mundo cada vez mais globalizado, onde a habilidade de ler e escrever em mais de uma língua é uma vantagem competitiva significativa, particularmente no contexto do mercado de trabalho, onde a proficiência bilíngue pode ampliar as oportunidades profissionais e facilitar a inserção em ambientes multiculturais.. Além disso, pesquisas como a de Freire (2018) têm mostrado que a consciência fonológica é um preditor importante do sucesso na alfabetização, tanto em contextos monolíngues quanto bilíngues. Portanto, investigar suas implicações no desenvolvimento linguístico de crianças bilíngues pode contribuir para a melhoria das práticas pedagógicas e para o desenvolvimento de programas de alfabetização mais eficazes.

O principal objetivo deste estudo é analisar a importância da consciência fonológica no processo de alfabetização bilíngue, destacando suas implicações para o desenvolvimento linguístico. Além disso, buscou-se identificar as principais dificuldades enfrentadas por crianças bilíngues durante a alfabetização e propor estratégias pedagógicas que possam facilitar esse processo. Espera-se que os resultados possam fornecer *insights* valiosos para professores e educadores que trabalham em contextos bilíngues, permitindo-lhes adaptar suas abordagens de ensino às necessidades específicas dessas crianças.

A hipótese central deste estudo é que o desenvolvimento da consciência fonológica em am-

bas as línguas facilita o processo de alfabetização bilíngue e contribui para um melhor desempenho linguístico geral. Verificou-se que crianças que possuem uma boa consciência fonológica em ambas as línguas terão maior facilidade para aprender a ler e escrever, pois conseguem transferir as habilidades fonológicas de uma língua para outra. No entanto, observa-se também que fatores como a similaridade entre os sistemas fonológicos das duas línguas e a qualidade da instrução recebida desempenhem um papel crucial nesse processo.

Para testar essa hipótese, foi adotada uma metodologia de cunho bibliográfico, com base em uma revisão de literatura de estudos anteriores que investigam a relação entre consciência fonológica e alfabetização bilíngue. Foram analisadas pesquisas que abordam o desenvolvimento da consciência fonológica em diferentes pares de línguas e que exploram as estratégias pedagógicas utilizadas para promover esse desenvolvimento. A análise foi qualitativa, com foco na identificação de padrões e tendências que possam fornecer uma compreensão mais aprofundada do tema.

Os resultados deste estudo indicam que o desenvolvimento da consciência fonológica em crianças bilíngues, apesar dos desafios iniciais, oferece benefícios significativos para a alfabetização em duas línguas. Observou-se que, com apoio pedagógico adequado e estratégias de ensino específicas, é possível minimizar as interferências entre os idiomas e promover uma base linguística sólida. Dessa forma, a consciência fonológica se confirma como uma habilidade essencial que não apenas facilita o aprendizado de leitura e escrita, mas também contribui para o desenvolvimento linguístico global das crianças em contextos bilíngues.

2 Referencial Teórico

2.1 Bilinguismo

O bilinguismo é frequentemente compreendido como a habilidade de um indivíduo de se comunicar em duas línguas de forma alternada, demonstrando capacidade de escrever, ler, entender e falar ambas as línguas com um alto grau de controle (Pierre, 2013). Definir o conceito de bilinguismo é complexo, pois envolve mais do que as habilidades linguísticas, abrange as esferas sociais e está em constante evolução.

Apesar de o bilinguismo não possuir uma definição amplamente aceita, teorias recentes o consideram um fenômeno complexo que engloba dimensões sociais, históricas, culturais, políticas e linguísticas (Andrade, 2019, p. 24). Com base em uma visão multifacetada, Hamers e Blanc (2000 *apud* Ottoni, 2024) identificam seis aspectos essenciais para uma definição mais específica do bilinguismo: (1) competência relativa entre L1 e L2; (2) organização cognitiva, diferenciando entre representações únicas ou distintas para as traduções; (3) idade de aquisição, diferenciando bilinguismo infantil, adolescente ou adulto; (4) presença ou ausência de falantes da L2 no ambiente social; (5) status social das línguas; e (6) identidade cultural, que aborda como o indivíduo se identifica e é percebido culturalmente (Megale, 2005 *apud* Ottoni, 2024, p. 21).

Dentro dessa perspectiva, a linguagem não pode ser entendida isoladamente; ela interage e é moldada pelo contexto, num processo dinâmico e contínuo chamado . Dessa forma, a pessoa bilíngue não possui sistemas linguísticos separados para L1 e L2, mas um sistema unificado e dinâmico que reflete essa fusão de línguas e sua interação com fatores contextuais diversos, chamado de Perspectiva Heteroglóssica (Megale, 2019, p. 20). Embora a Perspectiva Heteroglóssica e a neurociência da linguagem adotem enfoques distintos, o conceito de "ativação conjunta" proposto por Bialystok (2017) funciona como um ponto de convergência para uma compreensão cognitiva heteroglóssica.

Em *Educação Bilíngue no Brasil*, Megale cita Maher (2007), que observa que o bilíngue "real"– ao contrário de um conceito idealizado – não se comporta da mesma forma nas línguas X e Y. Dependendo de fatores como o tópico, modalidade, gênero discursivo, experiências pessoais e demandas da comunidade de fala, o sujeito bilíngue pode se expressar melhor em uma das línguas, ou até exclusivamente em uma delas para certas práticas comunicativas (Maher, 2007b, p. 73, *apud* Megale, 2019, p.19).

Com o avanço da globalização nos âmbitos econômico, político, cultural e ideológico, as fronteiras entre países têm se tornado mais permeáveis. Nesse contexto, considera-se que o cidadão moderno deve estar preparado para se integrar a uma comunidade global, desenvolvendo competências que facilitem a comunicação em diferentes setores (Soares, 2020, p. 156). É

nesse sentido que a educação bilíngue, uma prática que vem crescendo rapidamente no Brasil, visa responder às necessidades de uma sociedade globalizada, onde a fluência em uma segunda língua, especialmente o inglês, é cada vez mais valorizada.

O Brasil já apresentava características plurilíngues antes da chegada dos colonizadores portugueses, com os povos indígenas nativos utilizando uma diversidade de idiomas (Preuss e Álvares, 2014, p. 406). Embora o país seja culturalmente diverso e composto por pessoas de várias origens e idiomas, a construção de uma identidade nacional promoveu a ideia de que o monolinguismo seria essencial para a unidade e harmonia social. Dessa forma, línguas e culturas minoritárias foram deixadas de lado em nome da chamada soberania nacional (Soares, 2020, p. 167).

Por esse motivo, a prática bilíngue e multilíngue no Brasil pode parecer uma novidade, quando na verdade reflete uma herança multicultural em que imigrantes e etnias diversas coexistiram no passado (Soares, 2020, p. 167). Entretanto, o ensino nas escolas públicas apresenta deficiências, e o custo elevado das escolas bilíngues e de idiomas as torna inacessíveis para grande parte da população brasileira (Rodrigues e Gomes, 2018).

Em seu relatório de 2013, o British Council observou que o aprendizado de inglês no Brasil é mais acessível para pessoas com maior poder aquisitivo, embora, de modo geral, a proficiência no idioma seja baixa, com apenas cerca de 5% da população declarando algum conhecimento de inglês. Entre os jovens de 18 a 24 anos, esse percentual dobra, alcançando 10,3% (British Council, 2014, p. 7).

O Brasil ocupa uma posição paradoxal em relação ao inglês: apesar de ter o maior número de escolas de inglês no mundo, a taxa de fluência entre a população é baixa. De acordo com a pesquisa da EF English First em 2018, o país está em 53º lugar no ranking global de proficiência, atrás de países como Paquistão, Indonésia e Albânia, com apenas 5% da população fluente no idioma. Esses dados sugerem que a baixa proficiência afeta não apenas as classes menos favorecidas, mas também a oferta de profissionais qualificados no mercado, apesar de várias reformas legislativas visando o ensino de inglês nas escolas públicas (Coutrim, 2019).

A legislação brasileira, através da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Brasil, 1996) e dos Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1997a), assegura o ensino de línguas estrangeiras tanto no ensino fundamental quanto no ensino médio. Entretanto, há um consenso entre especialistas, professores e autoridades governamentais de que o ensino de inglês na educação básica, seja pública ou privada, ainda não prepara os alunos com um nível de proficiência adequado. Esse cenário é atribuído a problemas estruturais comuns no sistema educacional, como a falta de infraestrutura adequada, o elevado número de alunos por turma, a carga horária insuficiente e a carência de professores qualificados. Assim, o ensino do inglês limita-se geralmente a introduções básicas de gramática, leituras curtas e à resolução de testes de múltipla escolha, voltados principalmente ao vestibular (British Council, 2014, p. 12).

Uma possível solução para esses desafios é a inclusão precoce de outras línguas no ensino infantil, o que poderia melhorar o tempo de aprendizado, promover o uso diário do idioma e reduzir os custos, ampliando as oportunidades para que mais brasileiros alcancem a fluência em outras línguas (Rodrigues e Gomes, 2018).

No passado, o bilinguismo era frequentemente visto com desconfiança, com receios de que a aquisição de duas línguas pudesse prejudicar o aprendizado de uma ou até mesmo de ambas. Prevalecia a ideia de que crianças que falassem um idioma diferente da língua dominante poderiam enfrentar dificuldades em se integrar ao ambiente escolar, desenvolvendo confusão linguística, sotaque marcado e outros desafios de adaptação. Consequentemente, o bilinguismo era percebido como um obstáculo, e as escolas bilíngues eram, em sua maioria, frequentadas por filhos de imigrantes que buscavam preservar sua cultura de origem ou por famílias estrangeiras em estadia temporária no Brasil (Dias e Muner, 2019, p. 231).

Contrariando essas percepções antigas, estudos recentes indicam que o bilinguismo confere benefícios cognitivos significativos. Pesquisas demonstram que indivíduos bilíngues apresentam maior flexibilidade cognitiva, habilidades aprimoradas para o reconhecimento de padrões, processamento de informações mais eficiente e memória de trabalho fortalecida (Hakuta, 1984, *apud* Ottoni, 2024, p. 23).

Apesar de ser vista como um conceito simples, French (2019) argumenta que a educação bilíngue é, na verdade, um processo complexo que envolve aspectos linguísticos, socioculturais e cognitivos. Em países como Estados Unidos, Canadá e Inglaterra, o ensino bilíngue se desenvolveu dentro de contextos históricos de imigração e em meio a movimentos políticos por direitos civis e pela equidade no acesso à educação (Espírito Santo, 2019, p. 19).

No Brasil, o bilinguismo escolar reflete uma variedade de contextos específicos, resultado de um panorama político e linguístico diverso: desde escolas bilíngues e regulares para crianças surdas; escolas em comunidades indígenas; até crianças de famílias imigrantes de diferentes países (como Bolívia, Coreia e Venezuela) frequentando a rede pública brasileira. Há também crianças nas fronteiras do Brasil com Uruguai, Paraguai e Venezuela em escolas brasileiras; filhos de estrangeiros em escolas internacionais, e alunos brasileiros em escolas bilíngues cujos pais buscam oferecer uma educação multicultural para prepará-los como cidadãos globais (Hernaiz, 2007; Pimentel e Tami, 2015 apud De Santis e Del Ré, 2019, p. 1350).

Esse crescimento no número de crianças brasileiras matriculadas em escolas bilíngues reflete a globalização e a necessidade de um ensino que ultrapasse barreiras culturais e linguísticas. Nessas escolas, além do português, há o ensino de uma segunda língua, geralmente o inglês, que possui alto prestígio social, ampliando as perspectivas de formação em um contexto multicultural (De Santis e Del Ré, 2019, p. 1350). Contudo, o contexto mais comum associado ao enunciado de escolas bilíngues contemporaneamente diz respeito a escolas particulares de classe média e alta, reforçando o papel dessas instituições como um espaço de privilégio.

Na análise dos diversos modelos de escolas bilíngues brasileiras, French (2019) destaca que a expressão "escola bilíngue" se tornou um termo amplo, englobando diferentes métodos de ensino de uma segunda língua. O autor indica que, embora muitos desses programas prometam formar alunos bilíngues, com competências acadêmicas e culturais em dois idiomas, os resultados variam. Cada modelo apresenta particularidades, benefícios e limitações que influenciam o grau de alcance desses objetivos.

Apesar da rápida expansão das escolas bilíngues no Brasil, esse crescimento tem ocorrido de forma desordenada, sem regulamentação específica. Cada instituição define sua estrutura e abordagem pedagógica, pois não há uma legislação que padronize o funcionamento das escolas bilíngues (Andrade, 2019, p. 53). Dados da Associação Brasileira do Ensino Bilíngue (Abebi) indicam que, entre 2014 e 2019, o número de escolas bilíngues no país cresceu de 6% a 10%. Atualmente, há cerca de 40 mil escolas privadas no Brasil, das quais aproximadamente 3% oferecem programas de ensino bilíngue, totalizando cerca de 1,2 mil instituições (Marini, 2018).

Em 9 de julho de 2020, foram aprovadas as Diretrizes Curriculares Nacionais para a oferta de Educação Plurilíngue, estabelecendo a definição de escola bilíngue e regulando aspectos importantes como a carga horária, o nível dos professores e a organização curricular. De acordo com as diretrizes, as escolas bilíngues devem promover um currículo único, integrado, ministrado em duas línguas de instrução, com o objetivo de desenvolver as competências linguísticas e acadêmicas dos estudantes em ambas as línguas. As escolas bilíngues devem ofertar no mínimo 30% e no máximo 50% das atividades curriculares em língua adicional, dependendo do nível de ensino, sendo que, no Ensino Médio, a carga horária mínima é de 20%. Além disso, as escolas devem garantir que o currículo bilíngue seja oferecido a todos os estudantes, e a formação dos professores deve atender aos requisitos de qualificação e proficiência para assegurar a qualidade do ensino bilíngue (Brasil. 2020)."

Além das escolas bilíngues, o Brasil conta com centros de idiomas, que priorizam o ensino de uma língua específica e suas estruturas gramaticais, e plataformas digitais que oferecem flexibilidade quanto a horários e frequência de estudos. A LDB também garante que as escolas de ensino básico, públicas e privadas, ofereçam uma Língua Estrangeira Moderna (LEM), sendo o ensino de inglês obrigatório apenas a partir do sexto ano do ensino fundamental (Espírito Santo, 2019, p. 26-27).

É relevante diferenciar Escolas Bilíngues de Escolas Internacionais. Estas últimas são geralmente mantidas por estrangeiros ou organizações de fora do Brasil e são reconhecidas por órgãos educacionais de seus países de origem. Seu currículo atende às necessidades de alunos que frequentemente mudam de país devido às carreiras de suas famílias, proporcionando uma educação alinhada aos padrões do país de origem ou a programas internacionais. O objetivo é que os alunos sejam fluentes em ambas as línguas, embora a língua de instrução do país de origem tenha maior ênfase. O corpo docente é composto, em sua maioria, por professores es-

trangeiros, que passam por um rigoroso processo de seleção, e o calendário acadêmico segue o do hemisfério norte, geralmente começando em agosto e terminando em junho, respeitando, no entanto, os feriados locais brasileiros (Espírito Santo, 2019, p. 36).

Os programas de imersão bilíngue, por sua vez, podem ser classificados em três tipos principais: Imersão Inicial Total, Imersão Inicial Parcial e Imersão Tardia, com a categorização baseada na idade de exposição e aquisição das línguas em cada programa (Andrade, 2019, p.49).

No modelo de Imersão Inicial Total, toda a instrução na educação infantil é realizada na segunda língua (L2). Esse formato se estende pelos dois primeiros anos do ensino fundamental, período em que a alfabetização ocorre integralmente na L2. A partir do terceiro ano do ensino fundamental, a primeira língua (L1) é introduzida progressivamente, até que as horas de ensino em L1 e L2 se igualem. Já a Imersão Inicial Parcial, ao contrário do primeiro tipo, utiliza as duas línguas desde o início da escolaridade, variando a proporção de uso de cada língua de acordo com o programa específico. A Imersão Tardia, por sua vez, é destinada aos alunos do ensino médio que, até então, receberam ensino tradicional na L2. No primeiro ano do ensino médio, aproximadamente 85% das aulas são em L2, permitindo que, nos anos seguintes, o estudante escolha cursar 40% das aulas em L2 (Andrade, 2019, p. 59).

Vale ressaltar que, conforme a classificação proposta por Hamers e Blanc (2000 apud Faiad,2021), não se enquadram como programas de Educação Bilíngue aqueles em que a L2 é ensinada apenas como disciplina e não utilizada como meio de instrução para outros conteúdos acadêmicos. A finalidade principal do ensino bilíngue vai além da simples "instrução" da língua; busca-se proporcionar ao aluno uma imersão nos aspectos culturais da língua-alvo, promovendo, em certa medida, o biculturalismo (Costa, 2018, p. 85).

Autor	**Contribuição**
De Santis & Del Ré (2019)	No Brasil, o bilinguismo escolar abrange contextos diversos, como escolas para surdos e comunidades indígenas.
Andrade (2019)	As escolas bilíngues no Brasil não têm uma regulamentação única, resultando em abordagens variadas.
Pierre (2013)	Habilidade de um indivíduo se comunicar eficientemente em duas línguas, com alta competência em ler, escrever, compreender e falar ambas as línguas.
French (2019)	A educação bilíngue envolve aspectos linguísticos, sociais e cognitivos.
Hakuta (1984 apud Ottoni, 2024)	Melhora a flexibilidade cognitiva, reconhecimento de padrões, processamento de informações mais eficiente e memória de trabalho.

Tabela 1: Resumo do referencial teórico - Bilinguismo

2.2 Consciência Fonológica

Cysne (2012) descreve a consciência fonológica (CF) como a capacidade de identificar e representar as propriedades fonológicas e as unidades constituintes da fala, ou seja, reconhecer os sons que compõem as palavras faladas e ouvidas. Essa habilidade possibilita identificar rimas e manipular fonemas para criar novos vocábulos. Cielo (2002, *apud* Cysne, 2012, p. 4) explica que a CF é uma competência metalinguística, englobando reflexão, análise e manipulação consciente das unidades da linguagem, como palavras, sílabas e fonemas. Nesse sentido, compreende-se que a fala é segmentada em unidades menores: são formadas palavras, que, por sua vez, são compostas por sequências de sons, enquanto os fonemas estão ligados aos grafemas.

Em suma, Freitas e Santos (2001 *apud* Mendes, 2015, p. 32) afirmam que a consciência fonológica é uma habilidade cognitiva que se desenvolve de forma gradual entre os falantes, culminando na capacidade de reconhecer, discriminar, isolar e manipular deliberadamente os segmentos fonológicos de uma língua. Definida como uma habilidade metalinguística, a consciência fonológica refere-se à capacidade de entender a estrutura sonora da língua, ou seja, reconhecer que a fala é composta por palavras, que, por sua vez, são formadas por sílabas, e as sílabas são constituídas pelas menores unidades sonoras, os fonemas (Freire, 2018, p. 28). Essa competência permite que o indivíduo identifique que as palavras são formadas por diferentes sons que podem ser manipulados, abrangendo não apenas a habilidade de refletir (observar e comparar), mas também a de operar com fonemas, sílabas, rimas e aliterações, incluindo ações como contar, segmentar, unir, adicionar, suprimir, substituir e transpor. Assim, as habilidades podem ser categorizadas em três tipos: consciência silábica, consciência das unidades intrassilábicas e consciência fonêmica (Moojen et al., 2015 *apud* Faiad, 2021, p. 29).

De maneira mais específica, Alves (2012 apud Ottoni, 2024, p. 12) caracteriza a consciência fonológica como a capacidade de manipular ativamente os componentes sonoros da língua, não apenas reconhecendo, mas também operando com fonemas, sílabas e outros elementos fonológicos. Além disso, essa habilidade envolve a capacidade de transformar e recombinar sons para criar novas palavras, ampliar o vocabulário e melhorar a compreensão das estruturas linguísticas, permitindo a reflexão metalinguística sobre a língua falada.

Dessa forma, o desenvolvimento da consciência fonológica ocorre de maneira hierárquica, começando pela habilidade de isolar unidades sonoras maiores, como palavras e sílabas, avançando para unidades intermediárias, que incluem aliteração e rimas, e, finalmente, atingindo as unidades menores, os fonemas (Mendes, 2015, p. 29). A habilidade de segmentar a fala em sílabas até alcançar os fonemas, suas menores unidades sonoras, é crucial para o aprendiz. Essa capacidade torna a consciência fonêmica a forma mais sofisticada de consciência fonológica (Medeiros *et al*., 2020).

A manipulação de sílabas parece ocorrer de maneira mais espontânea em determinados ní-

veis, enquanto a manipulação de fonemas requer instrução explícita. Essa consciência em nível fonêmico é reconhecida como a principal preditora para a aquisição da leitura (Snowling, 2013 *apud* Freire, 2018, p. 30).

Vários estudos na área da alfabetização evidenciam a importância das habilidades metalinguísticas no desenvolvimento da leitura e escrita, com a consciência fonológica sendo a mais frequentemente mencionada. Nas últimas décadas, houve um aumento significativo nas pesquisas que exploram a conexão entre essa habilidade e o aprendizado da leitura e escrita. As evidências indicam que a capacidade de refletir sobre a fonologia da linguagem facilita o reconhecimento, a manipulação e a relação entre as unidades fonológicas, o que tem se mostrado eficaz na aquisição da leitura e escrita, tanto em crianças quanto em jovens e adultos (Reis, 2020).

As práticas de leitura e escrita são compreendidas não apenas como motoras, cognitivas e linguísticas, mas também como práticas sociais. Elas desempenham um papel central na forma como o indivíduo se posiciona no mundo, motivo pelo qual têm sido tão valorizadas ao longo da história. No entanto, essas habilidades sempre foram vistas como desafiadoras para os seres humanos, uma vez que, diferentemente da fala, não são inatas (Adams, 2013). Ainda hoje, requer-se um tempo significativo para desenvolvê-las durante o processo de alfabetização. Marilyn Adams, em *Phonemic Awareness in Young Children* (1998 *apud* Ottoni, 2024, p. 65), argumenta que a consciência fonológica é essencial desde o início da alfabetização para o desenvolvimento eficaz da leitura e escrita, destacando, ainda, que a aquisição dessa habilidade pode ser particularmente desafiadora para crianças de contextos sociais com menos acesso a recursos educativos adequados..

> Pesquisas indicam que, sem o suporte instrucional direto, a consciência fonêmica é difícil de ser adquirida por aproximadamente 25% dos alunos de primeira série de classe média, e por uma proporção ainda maior entre aqueles provenientes de ambientes com menos recursos de alfabetização. Além disso, essas crianças apresentam sérias dificuldades em aprender a ler e escrever (ADAMS, et. al., 1998 apud Ottoni, 2024, p. 65, tradução nossa).

A leitura e a escrita são competências que não surgem de forma natural, mas que, ao longo do tempo, são adquiridas e aprimoradas. Elas têm sua origem na oralidade, que é caracterizada por um sistema sonoro complexo e coerente, no qual os sons de uma língua se organizam de maneira hierárquica. Sons formam fonemas, que se combinam em sílabas; estas, por sua vez, compõem morfemas, que originam palavras e, juntas, constituem frases, formando o discurso. Ao entender conscientemente o sistema de sons das palavras, é possível analisar e compreender as menores unidades da fala, tanto como uma habilidade metalinguística quanto como um aspecto fundamental para o desenvolvimento da leitura e escrita.

Tenório e Ávila (2011, p. 30) descrevem o processamento fonológico como uma operação

mental essencial para o tratamento da linguagem oral e escrita, utilizando informações fonológicas. Eles destacam que esse processamento é crucial para a aprendizagem da leitura e da escrita, uma vez que o uso de um sistema alfabético exige a capacidade de analisar as estruturas sonoras da fala. Além disso, as habilidades de processamento fonológico são consideradas críticas para esse aprendizado, pois envolvem tanto a análise explícita da estrutura sonora quanto a memória fonológica, que possibilita a retenção e o acesso às representações fonológicas da linguagem.

Diversos estudos acadêmicos têm investigado a consciência fonológica entre falantes nativos de português brasileiro no ambiente educacional. Com a crescente presença de escolas bilíngues no Brasil, especialmente aquelas que ensinam o inglês como segunda língua, surge a necessidade de compreender como a consciência fonológica se desenvolve e se adapta a esse novo contexto de aprendizagem. Enquanto o ensino de inglês como língua global é amplamente debatido, a introdução desse idioma já na fase de alfabetização traz desafios específicos, que requerem uma abordagem diferenciada.

Justi (2009 *apud* Faiad, 2021, p. 30) discute que a relação entre a consciência fonológica e o desenvolvimento da leitura e escrita pode ser compreendida de pelo menos três maneiras: (a) como causa, onde a consciência fonológica atua como um fator determinante na aquisição da leitura e da escrita; (b) como consequência, onde essa habilidade é um resultado do aprendizado da leitura e da escrita; e (c) como uma relação de causação recíproca, onde a consciência fonológica influencia o desenvolvimento da leitura e da escrita, e, inversamente, essas habilidades também impactam o desenvolvimento da consciência fonológica.

Novaes, Mishima e Santos (2013, p. 190) reforçam a ideia estabelecida por Justi (2009) de que existe uma relação de influência mútua entre a consciência fonológica e o aprendizado da leitura e da escrita. Eles destacam que, para que a criança desenvolva a habilidade de ler e escrever, é essencial que ela já possua um nível inicial de consciência fonológica. Paralelamente, o aprimoramento da linguagem oral e escrita contribui para o avanço dessa habilidade fonológica.

Tarefas de consciência fonológica, como a identificação de rimas e aliterações, são essenciais nos estágios iniciais da alfabetização, enquanto habilidades mais complexas, como segmentação de fonemas e manipulação de palavras, tornam-se importantes à medida que o aluno avança no processo de leitura e escrita. O estímulo precoce dessas habilidades no ambiente escolar contribui significativamente para a compreensão do princípio alfabético e facilita o sucesso na alfabetização (Medeiros et al., 2020, p. 29; Park, 2019, p. 36-38).

A análise de 22 artigos científicos feita por Barrera e Santos (2014) revelou que 90% deles fornecem evidências de que a consciência fonêmica atua como um facilitador significativo na alfabetização. Essa habilidade não apenas contribui para a aquisição mais precoce da leitura e escrita, mas também está associada a uma redução no índice de erros ortográficos ao longo do desenvolvimento acadêmico dos alunos. Esses resultados destacam a importância de integrar o ensino da consciência fonêmica nas práticas pedagógicas de alfabetização, visando um

aprendizado mais eficaz e duradouro.

Schoenel et al. (2020, p. 10) realizaram uma revisão sistemática que revelou uma associação entre o processamento fonológico e várias habilidades, como fluência de leitura, ortografia, compreensão leitora e habilidades matemáticas, em crianças e adolescentes. Este processamento é considerado um fator crucial para a aprendizagem, independentemente do nível socioeconômico, embora o desenvolvimento dessas habilidades seja inferior em crianças de contextos menos favorecidos.

Seis habilidades demonstraram correlações preditivas de moderadas a fortes com o desempenho em alfabetização, incluindo decodificação e compreensão em leitura e escrita. Essas habilidades são: conhecimento do alfabeto, consciência fonológica, nomeação rápida de letras e dígitos, nomeação rápida de objetos e cores, escrita do nome e memória fonológica (Barrera; Santos, 2016, p. 2-3). Além disso, o processamento fonológico, que se refere à utilização de informações fonológicas no processamento da linguagem oral e escrita, está intimamente ligado ao desenvolvimento da alfabetização e tem sido amplamente estudado na literatura científica. O processamento fonológico, por sua vez, é composto por três elementos principais: consciência fonológica, memória fonológica e acesso lexical (Schoenel et al., 2020, p. 2).

Autor	**Contribuição**
Freire (2018)	Uma habilidade metalinguística que permite entender a estrutura sonora da língua, reconhecendo que a fala é composta por palavras, sílabas e fonemas.
Mendes (2015)	O desenvolvimento da CF segue uma hierarquia, iniciando com palavras e sílabas, passando por alterações e rimas, e culminando nos fonemas.
Schoenel et al. (2020)	O processamento fonológico envolve três elementos principais: consciência fonológica, memória fonológica e acesso lexical.
French (2019)	A relação entre consciência fonológica e leitura/escrita pode ser: como causa, consequência ou causalidade recíproca.
Hakuta (1984 apud Ottoni, 2024)	A consciência fonêmica é a principal preditora da aquisição da leitura.

Tabela 2: Resumo do referencial teórico - Consciência Fonológica

2.3 Alfabetização e Letramento

Há uma vasta discussão sobre o processo de aquisição da leitura e da escrita, incluindo o debate contínuo sobre métodos mais eficazes para introduzir os alunos nessas práticas, sejam eles de contextos monolíngues ou bilíngues.

A leitura e a escrita, entendidas como processos culturais, são intrinsicamente associadas ao conceito de alfabetização. Para Ferreiro (1992 apud Wissmann, 2023, p. 25), esse é um dos

aspectos mais fundamentais da educação. Soares (1985, p. 20) define alfabetizar como ”o processo de aquisição do código escrito, das habilidades de leitura e de escrita”. Complementando, Magalhães (2014) sugere que o nível de alfabetização de uma pessoa pode ser medido a partir da competência que ela demonstra nas práticas cotidianas. Esse processo, especialmente para as crianças, pode variar em ritmo e dificuldade, dependendo de uma série de fatores específicos de cada indivíduo.

Mortatti (2000 apud Andrade, 2023, p. 28) identifica quatro momentos importantes na história da alfabetização no Brasil. O primeiro momento destaca o método de João de Deus, introduzido no Brasil a partir da década de 1880 pelo educador Antônio da Silva Jardim, que trouxe a Cartilha Maternal. Essa cartilha era marcada pela técnica da soletração e fundamentada em métodos voltados exclusivamente para o domínio do código escrito. Esse período inicial, que se estendeu até o início do século XX, focava especialmente na grafia, enfatizando o aprendizado do código linguístico. O segundo momento aborda o método analítico (palavração, sentenciação ou historieta) e o método sintético (soletração e silabação), onde a aprendizagem se iniciava por unidades maiores (como frases) ou menores (como sílabas), com o objetivo de dominar o sistema alfabético-ortográfico. Práticas como a nomeação do alfabeto e a correspondência fonema-grafema ainda são encontradas em contextos bilíngues e ilustram a aplicação desses métodos. Na década de 1920, surge o terceiro momento, com a disputa entre defensores do método misto (analítico-sintético ou sintético-analítico) e do método analítico. Esse período representou uma tentativa de integrar elementos dos métodos analítico e sintético. Por fim, a década de 1970 foi marcada pelo debate entre o construtivismo, proposto por Emília Ferreiro, e os métodos tradicionais, sobretudo os mistos.

Até 1980, a alfabetização no Brasil estava fortemente vinculada ao uso de cartilhas que priorizavam a codificação e decodificação do sistema linguístico. Nesse modelo, a alfabetização era vista como um processo sequencial: os alunos aprendiam primeiramente letras, depois sílabas, palavras, frases e, por fim, textos completos. Essas práticas foram progressivamente criticadas por ignorarem as práticas sociais de leitura e escrita (Mortatti, 2006 apud Wissmann, 2023, p. 28). Smolka (2017) aponta que as atividades de leitura e escrita apresentadas nas cartilhas careciam de sentido, uma vez que eram dissociadas do uso real da língua no cotidiano. Já nos anos 1960, Paulo Freire defendia uma alfabetização contextualizada, alertando que as práticas de ensino deveriam permitir que os alunos, ao aprenderem a ler e a escrever, também aprendessem a ”ler o mundo”, dotando suas experiências de sentido e relevância (Colello, 2014, p. 175).

Esse histórico reflete a complexidade envolvida na alfabetização, especialmente se considerada em contextos bilíngues, onde a integração de práticas culturais e sociais é essencial para um aprendizado significativo e para a construção de uma base sólida de habilidades de leitura e escrita.

Modelos extremos de alfabetização, em linhas gerais, parecem não explorar de maneira sa-

tisfatória o potencial cognitivo dos alunos em processo de alfabetização. Esses modelos tendem a favorecer exclusivamente o método formal ou o método global. O método global, por sua vez, é uma estratégia de abordagem ”top-down”, em que a aprendizagem começa com a análise do todo linguístico e se dirige às unidades menores. Em contraste, o método formal adota uma perspectiva ”bottom-up”, partindo das menores unidades da língua para o entendimento do todo. A combinação simultânea dessas duas estratégias, portanto, poderia se mostrar mais eficaz no processo de alfabetização, dada a complexidade e a natureza multifacetada desse tema (Alves; Finger, 2022).

Dessa forma, percebemos a necessidade de repensar e diversificar as metodologias utilizadas na alfabetização. Scherer (2020, p.34) propõe o “tripé da alfabetização”, composto pela integração de consciência fonológica, princípio alfabético e letramento. Com base em experimentos e testes, a autora argumenta que esses três pilares devem ser considerados para um aprendizado eficaz da leitura e da escrita.

O processo de aprendizagem da leitura, conforme descrito por Frith (1985 apud Wissamann, 2023, p. 26), envolve o desenvolvimento de três habilidades principais: logográfica, alfabética e ortográfica, que ocorrem em um processo dinâmico de avanços e retrocessos, mas são essenciais para a fluência na leitura. A habilidade logográfica permite ao leitor reconhecer palavras familiares a partir de sua forma visual. A habilidade alfabética envolve a identificação das relações entre fonemas e grafemas, e, uma vez que o leitor domina essas associações, ele utiliza a habilidade ortográfica para ler as palavras de forma precisa e automática.

A alfabetização tradicional é, geralmente, entendida como o processo de aprendizado e aplicação de sistemas alfabéticos e ortográficos, focando na decodificação e codificação das palavras. Entretanto, essa abordagem inicial tem-se mostrado limitada para a formação de cidadãos críticos. Com o advento da perspectiva construtivista, surge o conceito de letramento, que amplia o conceito de alfabetização ao incluir as habilidades de leitura e escrita em contextos sociais, promovendo uma educação mais contextualizada e relevante.

Os conceitos de alfabetização e letramento são, de fato, complementares, com a alfabetização constituindo a base do letramento. Enquanto a alfabetização compreende a aquisição do sistema convencional de escrita, o letramento amplia essa habilidade ao nível das práticas sociais, integrando o uso da leitura e da escrita em diversos contextos. Separar alfabetização de letramento pode ser um erro, já que, segundo as concepções psicológicas, linguísticas e psicolinguísticas atuais, tanto a criança quanto o adulto analfabeto ingressam no universo da escrita por meio de ambos os processos: a alfabetização, que envolve a compreensão do sistema de escrita, e o letramento, que envolve o desenvolvimento de habilidades para utilizar esse sistema em atividades que demandam leitura e escrita em práticas sociais (Soares, 2004, p. 14 apud Ottoni, 2024, p. 17). Esses processos não são independentes, mas interdependentes e inseparáveis.

Letramento é, portanto, o desenvolvimento das habilidades de uso de uma língua em suas

diversas práticas sociais e não se restringe ao simples ato de ler e escrever. Chediak (2019) reforça que o letramento abrange essas práticas sociais e requer habilidades oriundas do sistema estabelecido pela alfabetização. Soares (2009) também defende que alfabetização e letramento são inseparáveis, pois as habilidades de leitura e escrita se desenvolvem simultaneamente ao uso funcional da língua em contextos sociais diversos. Nesse sentido, é no uso prático que o sistema linguístico se consolida, estabelecendo a prática do letramento nas variadas situações da vida cotidiana.

O conceito de biletramento segue as mesmas bases do letramento, mas se aplica a duas línguas, levando em conta não só o uso de cada uma com seus contextos próprios, mas também o intercâmbio de práticas e particularidades entre elas. O biletramento, conforme descrito por Hornberger (2005 apud Andrade, 2023, p. 30), é uma combinação entre letramento e bilinguismo, onde ambos interagem. Para a autora, o biletramento representa "toda e qualquer instância na qual a comunicação ocorre em duas ou mais línguas por escrito ou em torno de algo escrito" (p. 213), abrangendo muito mais do que a simples capacidade de decodificar e codificar as duas línguas; ele é um processo de integração cultural e linguística em contextos bilíngues.

Garcia (2009 apud Finger, 2024, p. 36) discute as diferentes formas em que ocorre o biletramento, distinguindo entre biletramento, em que a criança aprende a ler e escrever em duas línguas ao mesmo tempo, e biletramento sequencial, onde o aprendizado ocorre de forma mais gradual entre as línguas. Alves, Finger e Brentano 2021, p. 9) destacam que as práticas e experiências proporcionadas no biletramento devem ser desenhadas para fomentar o desenvolvimento da criança e de suas competências linguísticas.

As pesquisas em Neurociências apontam que o cérebro infantil está naturalmente preparado para enfrentar tarefas cognitivamente desafiadoras, como a aquisição de uma língua adicional (Patelli, 2015). Esse tipo de atividade é essencial para o desenvolvimento cognitivo, pois demandas elevadas promovem a formação de redes neurais robustas, contribuindo para um aprendizado mais sólido e para o aprimoramento das competências linguísticas e cognitivas da criança.

O processo de alfabetização, mesmo em contextos monolíngues, continua a suscitar discussões e a levantar perguntas, sem respostas definitivas. Ao considerar a alfabetização bilíngue, nos deparamos com um campo ainda em expansão e que demanda uma abordagem balanceada entre metodologias globais e formais. Historicamente, esse caminho misto pode ser o mais adequado para desenvolver as capacidades de uma criança em fase de alfabetização bilíngue (Alves; Finger, 2022).

Desde o primeiro ano de vida, a criança começa a distinguir as características das línguas a que é exposta, um processo conhecido como aquisição fonológica, essencial para o desenvolvimento da consciência fonológica (Buchweitz; Mota; Name, 2017). O princípio alfabético, por sua vez, capacita a criança a relacionar grafemas com fonemas, ajudando-a a segmentar a fala e associá-la aos respectivos símbolos escritos (Scherer, 2020, p. 37). O letramento complementa

a alfabetização ao criar um ambiente onde a língua escrita é contextualizada e onde a criança se envolve em atividades que incluem leitura e escrita.

Embora Menchik (2020) reconheça que abordagens puramente fonéticas podem ser vistas como mecânicas, ele defende que o trabalho com a fonética é fundamental para que o aprendiz desenvolva habilidades de decodificação e codificação. Alves e Finger (2023) propõem uma abordagem harmonizada para a alfabetização, que leve em conta tanto os aspectos globais da criança quanto o desenvolvimento das relações grafofonológicas. Portanto, o processo de alfabetização deve ser compreendido como uma forma de linguagem, uma prática de interação social, e não apenas como o aprendizado de ler e escrever; a escrita deve ser vista como um meio de interação simbólica com o outro (Smolka, 2017).

A evolução da literacia e os processos que culminam na biliteracia plena podem ser analisados à luz do Modelo dos Quatro Níveis de Literacia, proposto por Alves, Finger e Brentano (2021) e expandido por Alves e Finger (2023). Este modelo propõe um contínuo composto por quatro níveis complementares: Habilidades Sociometalinguísticas, Literacia Alfabética, Literacia Textual e Literacia Social, oferecendo uma estrutura abrangente para entender as múltiplas dimensões da alfabetização e do letramento.

Esses níveis de literacia se relacionam com a questão fonética/fonológica especialmente nos estágios iniciais, onde as Habilidades Sociometalinguísticas e a Literacia Alfabética envolvem o reconhecimento e a manipulação dos sons da língua, essenciais para o desenvolvimento da leitura e escrita.

Autor	**Contribuição**
Soares (2004 apud Ottoni, 2024)	A alfabetização compreende o entendimento do sistema de escrita, enquanto o letramento envolve a aplicação desse sistema em práticas sociais de leitura e escrita.
Scherer (2020)	A alfabetização é sustentada pelo ”tripé da alfabetização”, que integra consciência fonológica, princípio alfabético e letramento.
Frith (1985 apud Wissmann, 2023)	O processo de aprendizagem da leitura envolve três habilidades principais: logográfica, alfabética e ortográfica, que se desenvolvem de maneira dinâmica e interdependente.

Tabela 3: Resumo do referencial teórico - Alfabetização e Letramento

3 Metodologia

A metodologia adotada neste estudo é de cunho bibliográfico, uma abordagem que visa identificar, analisar e sintetizar teorias e pesquisas previamente publicadas sobre o desenvolvimento da consciência fonológica em crianças bilíngues. A escolha por essa metodologia justifica-se pela necessidade de compreender os conceitos fundamentais e os resultados empíricos já estabelecidos na literatura científica sobre alfabetização bilíngue, bem como para apontar possíveis lacunas e oportunidades para novas investigações. Trata-se de um método que permite ao pesquisador construir uma base teórica sólida, fundamentada em contribuições relevantes, para refletir criticamente sobre o fenômeno estudado.

O primeiro passo do processo metodológico consistiu na seleção criteriosa de fontes secundárias. Foram incluídos livros, artigos científicos, dissertações, teses e revisões de literatura, todos voltados à análise da relação entre o bilinguismo e o desenvolvimento da consciência fonológica. As obras escolhidas foram avaliadas com base em critérios de relevância ao tema, atualidade das publicações, priorizando materiais publicados nos últimos dez anos, considerando a constante evolução das pesquisas na área, e credibilidade dos autores e fontes, assegurando a qualidade e consistência das informações. O recorte de 10 anos foi adotado para garantir que a pesquisa contemplasse as discussões mais recentes e pertinentes no campo da alfabetização bilíngue, refletindo as abordagens contemporâneas e as novas perspectivas que surgiram nesse período. Ao optar por fontes mais recentes, garantiu-se que a pesquisa abordasse as discussões mais atuais e relevantes no campo da alfabetização bilíngue.

A busca pelas referências foi realizada em bases de dados acadêmicas amplamente reconhecidas, como Google Scholar, SciELO, Periódicos CAPES e repositórios digitais de universidades. Para identificar as obras mais relevantes, utilizou-se uma estratégia de busca com palavras-chave específicas, tais como ”consciência fonológica”, ”bilinguismo”, ”alfabetização bilíngue”, ”português e inglês”, ”desenvolvimento fonológico”, e variações desses termos. Esse processo visou garantir a abrangência e a representatividade dos materiais selecionados. Além disso, buscou-se incluir revisões sistemáticas e integrativas, pois esses tipos de estudos oferecem uma visão mais global e crítica do estado da arte na área.

Para garantir a qualidade das fontes selecionadas, adotou-se um conjunto de critérios de inclusão e exclusão. Foram incluídos estudos empíricos e teóricos que apresentassem uma discussão detalhada sobre o desenvolvimento da consciência fonológica em crianças bilíngues, com foco em contextos que envolvem o ensino do português e do inglês. No entanto, reconhece-se que algumas das pesquisas selecionadas possuem escopos mais amplos e/ou globais, oferecendo *insights* relevantes mesmo quando não tratam exclusivamente da consciência fonológica. Trabalhos que apenas tangenciavam o tema ou que não apresentavam metodologia clara e resultados robustos foram excluídos da análise. Além disso, priorizou-se a inclusão de publicações indexa-

das em periódicos de alto impacto e de livros de editoras renomadas, garantindo a confiabilidade das fontes.

Após a coleta das fontes, a metodologia adotou uma análise qualitativa dos dados. O processo de análise envolveu a comparação de diferentes abordagens teóricas e empíricas sobre o desenvolvimento da consciência fonológica em crianças bilíngues, com o objetivo de identificar padrões, convergências e divergências entre os autores. Cada obra foi revisada criticamente, observando-se como os conceitos de consciência fonológica, bilinguismo e alfabetização foram definidos, as metodologias empregadas nos estudos empíricos, e os resultados alcançados. Essa análise permitiu identificar os fatores que mais influenciam o desenvolvimento da consciência fonológica em contextos bilíngues, como a qualidade da exposição a cada idioma, a intervenção pedagógica e o suporte familiar.

Com base na análise dos dados coletados, foi elaborada uma síntese teórica que compõe o arcabouço deste estudo. Essa síntese foi construída a partir da integração das diversas perspectivas encontradas nas fontes bibliográficas, possibilitando uma visão ampla e crítica sobre o tema. A síntese visou não apenas apresentar as evidências e os achados da literatura, mas também refletir sobre suas implicações para a prática pedagógica e para futuras pesquisas. Além disso, ao identificar lacunas na literatura, a pesquisa bibliográfica contribuiu para a formulação de novas questões que podem ser exploradas em estudos futuros, como o impacto a longo prazo do bilinguismo no desenvolvimento acadêmico e a eficácia de diferentes modelos de educação bilíngue.

4 Análises e Discussões

4.1 Desenvolvimento da consciência fonológica em crianças bilíngues

O desenvolvimento da consciência fonológica (CF) é um aspecto essencial no processo de alfabetização, especialmente para crianças bilíngues, que lidam com a estrutura sonora de duas línguas. Como destacam Morais, Bertelson e Alegria (1986 apud Ottoni, 2024, p. 18), certas habilidades da CF, como a identificação e manipulação de fonemas, favorecem o aprendizado da leitura, enquanto outras habilidades se aprimoram com a prática da leitura e da escrita. Essa interação entre habilidades é particularmente evidente em crianças bilíngues, que, segundo Medeiros et al. (2020), apresentam uma performance superior em CF quando comparadas a crianças monolíngues, principalmente quando são expostas a sistemas de escrita alfabética desde cedo.

Além disso, o estudo de Ottoni (2024, p. 18) sugere que a CF é uma das primeiras competências linguísticas a serem desenvolvidas na alfabetização, permitindo ao aluno refletir sobre a estrutura da linguagem desde o início do processo de aprendizagem. Esse desenvolvimento é reforçado pela memória de trabalho, especialmente pela alça fonológica descrita por Baddeley (2003 apud Ottoni, 2024, p. 22). A alça fonológica é responsável por armazenar e manipular informações verbais decodificadas, transformando o estímulo perceptual em códigos fonológicos. Esses códigos incluem propriedades acústicas, temporais e sequenciais dos estímulos verbais recebidos, que são então combinados com outros previamente armazenados na memória de longo prazo. Esse processo é essencial para a formação de fonemas e palavras, permitindo a construção do entendimento linguístico. No contexto bilíngue, essa função de memória parece atuar de maneira ainda mais eficiente, favorecendo o processamento dos sons em ambas as línguas, o que potencializa o desenvolvimento fonológico e a alfabetização.

A exposição bilíngue contribui para o fortalecimento da CF, uma vez que o contato com diferentes sons e estruturas linguísticas amplia a capacidade de discriminar e manipular os sons. Alves e Finger (2022) apontam que desenvolver a CF em uma língua pode beneficiar o desenvolvimento das mesmas habilidades na outra língua, facilitando a transferência de competências fonológicas entre os sistemas linguísticos. Essa transferência é evidenciada pela habilidade das crianças bilíngues de refletir sobre sons distintos, o que contribui para uma maior flexibilidade e precisão no aprendizado da leitura e escrita.

No estudo longitudinal de Scherer (2020, p. 36), foi observado que crianças que participaram de atividades diárias de consciência fonológica ao longo do ano letivo apresentaram um desenvolvimento muito mais avançado em leitura e escrita do que aquelas que não tiveram esse tipo de intervenção. Ao final do ano, as crianças que realizaram as atividades de consciência fonológica estavam significativamente à frente em seu desempenho, sugerindo que essa prática constante acelera o processo de alfabetização em cerca de um semestre.

Esse dado enfatiza a importância das práticas pedagógicas voltadas à CF, uma vez que elas não apenas promovem o desenvolvimento da leitura e escrita, mas também ajudam as crianças a ganharem autonomia para refletir sobre a linguagem (Ottoni, 2024, p.26). Em outro estudo conduzido por Scherer (2020, p. 39) professoras foram capacitadas a introduzir de forma explícita o princípio alfabético, ensinando não apenas o nome das letras, mas também os sons correspondentes a cada fonema e as regras fundamentais para decodificar palavras. Esse método permitiu que as crianças avançassem para o nível alfabético de leitura antes de seus colegas que não receberam essa intervenção estruturada, sugerindo que a abordagem fonológica favorece um progresso mais rápido e eficaz. Além disso, as turmas que participaram dessa intervenção continuada desenvolveram uma maior fluência em leitura, melhorando também a ortografia e a compreensão de textos.

Segundo Wissmann (2023, p. 128), crianças bilíngues que participaram de treinamento fonêmico mostraram-se mais confiantes e proativas ao realizar tarefas de leitura e escrita, indicando que o treinamento específico em fonemas não apenas aprimora habilidades técnicas, mas também contribui para uma postura mais segura e motivada diante dessas tarefas. Anthony e Francis (2005 apud Molina, 2023, p. 258) reforçam que a CF, ao se desenvolver rapidamente no início da alfabetização, oferece um efeito facilitador, especialmente ao permitir que as crianças aprendam a "decodificar" o alfabeto, o que geralmente leva de 1 a 3 anos. No caso das crianças bilíngues, essa decodificação se beneficia da habilidade de alternar entre os sons de duas línguas, resultando em um repertório fonológico mais amplo e flexível. Entretanto, vale ressaltar que fatores como a idade em que a criança começa a aprender a segunda língua e o tempo de exposição a ela podem afetar o desenvolvimento da CF nesses indivíduos.

Como observam Ottoni (2024) e Krenca et al. (2020), a exposição a diferentes fonemas pode ajudar a criança a desenvolver uma compreensão mais aprofundada das estruturas sonoras das línguas, facilitando a alfabetização. Assim, o desenvolvimento da CF em crianças bilíngues pode ser potencializado quando há um suporte pedagógico adequado, que leve em conta as particularidades do aprendizado bilíngue, promovendo um aprendizado mais eficiente e menos suscetível a interferências linguísticas.

Essas evidências reforçam a importância do desenvolvimento da consciência fonológica como uma ferramenta fundamental para a alfabetização de crianças bilíngues. Ao praticarem habilidades fonológicas de forma consistente, essas crianças constroem uma base sólida que facilita o reconhecimento e a manipulação de sons em ambas as línguas, promovendo um aprendizado mais ágil e eficaz. Os estudos revisados demonstram que intervenções focadas na CF contribuem não apenas para o progresso técnico na leitura e escrita, mas também para o fortalecimento do repertório linguístico e cognitivo das crianças. Dessa forma, ao integrar atividades de consciência fonológica no contexto educacional, os professores podem oferecer um suporte valioso, permitindo que as crianças bilíngues naveguem com mais confiança entre os sistemas linguísticos distintos, alcançando maior autonomia e competência no uso das línguas.

4.2 Dificuldades fonológicas e impactos na alfabetização bilíngue

O desenvolvimento da consciência fonológica em crianças bilíngues, embora benéfico em muitos aspectos, também traz uma série de desafios, especialmente devido às diferenças fonológicas entre as línguas envolvidas. Para crianças bilíngues, lidar com sons que não existem em sua língua nativa (L1) pode dificultar a aquisição de habilidades de leitura e escrita na língua adicional (LA), que pode ser aprendida em diferentes contextos e momentos da vida, e não necessariamente em uma sequência fixa como no caso da 'segunda língua' (L2). Essa flexibilidade no aprendizado da língua adicional está diretamente ligada às dificuldades fonológicas enfrentadas, como exemplifica Alves (2012). Sons do inglês, como /θ/ e /ð/ (encontrados em palavras como 'thanks' e 'this'), não existem no português, o que exige que o aluno desenvolva uma habilidade mais refinada para reconhecer e reproduzir esses fonemas. Essa confusão fonológica também pode ser exacerbada pela semelhança de certas palavras entre o português e o inglês, que podem parecer familiares, mas possuem pronúncias distintas.

Outro desafio ocorre no campo do processamento fonológico. Segundo Ottoni (2024), estudos sugerem um fenômeno denominado "desaceleração" no desenvolvimento fonológico de crianças bilíngues. Esse fenômeno se refere a um ritmo mais lento no domínio das habilidades fonológicas em comparação com crianças monolíngues, especialmente durante os estágios iniciais da alfabetização. Essa desaceleração é influenciada pelo tempo de exposição à segunda língua e pela idade em que a criança começa a aprender essa língua. Quando uma criança é exposta a dois sistemas fonológicos desde cedo, o cérebro precisa dividir os recursos de processamento entre duas estruturas linguísticas distintas, o que pode resultar em um aprendizado mais gradual de cada uma delas.

A desaceleração não representa necessariamente um atraso ou déficit, mas sim uma adaptação do cérebro bilíngue ao lidar com a complexidade de duas línguas simultaneamente. Esse fenômeno reflete a flexibilidade e a capacidade de ajuste cognitivo do cérebro, que, ao gerenciar dois sistemas fonológicos, cria uma base mais ampla para o desenvolvimento linguístico a longo prazo. Embora no início a criança bilíngue possa apresentar uma menor rapidez no reconhecimento e na manipulação de sons, especialmente em tarefas que envolvem a identificação de fonemas específicos de cada língua, essa dificuldade inicial tende a diminuir com o tempo.

Com intervenções pedagógicas adequadas, como atividades que enfatizam a consciência fonológica e a prática da distinção de fonemas, é possível acelerar o desenvolvimento das habilidades fonológicas em crianças bilíngues. Essas intervenções permitem que a criança compense essa desaceleração, promovendo o avanço nas habilidades de leitura e escrita. Assim, embora a desaceleração seja uma característica comum no início do processo de alfabetização bilíngue, ela pode ser superada gradualmente, resultando em uma aquisição fonológica que, em última análise, confere ao bilíngue uma flexibilidade cognitiva e linguística enriquecida, beneficiando seu desempenho acadêmico e social.

Além disso, crianças bilíngues não operam com sistemas linguísticos isolados. Como observa Megale (2019), não é possível que o aluno "pense apenas em inglês" ou "pare de pensar em português"; em vez disso, ocorre uma interação constante entre as línguas. Essa interação pode gerar erros que refletem a influência da L1 na LA, como na frase "I have 20 years old", que evidencia uma transferência direta do português. No contexto bilíngue, as intervenções pedagógicas precisam levar em conta essas especificidades e auxiliar o aluno a construir um repertório linguístico cada vez mais amplo na LA, reduzindo as interferências da L1.

A questão da interlíngua também é relevante. Selinker (2014) define a interlíngua como um estágio de transição entre a L1 e a LA, no qual o aluno bilíngue pode misturar elementos das duas línguas, especialmente no início do aprendizado. Esse fenômeno ocorre porque a interlíngua é uma tentativa natural do aluno de construir sentido e se comunicar enquanto ainda domina as estruturas e regras da língua adicional. Pereira (2019, p. 103) observa que a interlíngua é um processo dinâmico e evolutivo, onde o aluno vai gradualmente ajustando e refinando sua produção linguística na LA à medida que ganha proficiência. Esse estágio transitório é caracterizado por um vocabulário limitado, interferências fonológicas e estruturas gramaticais adaptadas da L1, que o aluno aplica na LA de forma adaptativa, ainda que nem sempre de forma precisa.

Durante esse estágio, crianças bilíngues podem enfrentar dificuldades fonológicas que afetam tanto a fluência quanto a precisão na leitura e escrita. Erros como a transferência de sons e padrões gramaticais da L1 para a LA são comuns e esperados. Essas dificuldades podem se intensificar, especialmente quando a LA contém sons ou estruturas que não possuem equivalentes diretos na L1, exigindo uma adaptação fonológica complexa. Nesse contexto, a intervenção pedagógica torna-se essencial para ajudar o aluno a diferenciar e aplicar os sistemas fonológicos de forma correta, permitindo que ele evolua na LA de maneira estruturada. Esse suporte permite que o aluno gradualmente minimize as interferências da interlíngua, aprimorando suas habilidades linguísticas e ganhando confiança no uso das duas línguas.

Portanto, embora as dificuldades fonológicas enfrentadas por crianças bilíngues, como a desaceleração no desenvolvimento fonológico e a interferência da interlíngua, ressaltam a complexidade do aprendizado de duas línguas simultaneamente. Esses desafios, porém, podem ser superados com intervenções pedagógicas específicas que auxiliam na distinção e aplicação dos sistemas fonológicos de cada língua. Com o apoio adequado, essas crianças podem desenvolver uma base sólida em leitura e escrita, além de adquirir uma flexibilidade linguística que enriquece seu desempenho acadêmico e social. Para superar essas dificuldades, os pesquisadores sugerem abordagens práticas e eficazes.

Para enfrentar as dificuldades fonológicas vivenciadas por crianças bilíngues, Rigatti-Scherer e Wolff (2021) sugerem uma série de intervenções pedagógicas que começam com a atenção auditiva aos sons da linguagem e progridem até a consciência de fonemas. Atividades como ouvir e identificar sons de gravações, associar esses sons a objetos ou eventos, e jogos que trabalham

a localização sonora (como ’Gato, Mia’) ajudam a desenvolver a discriminação auditiva. Além disso, práticas que envolvem a consciência silábica, como bater palmas para separar as sílabas de palavras, e jogos de bingo de sílabas são fundamentais para a segmentação da linguagem oral. A consciência de rimas e aliterações pode ser incentivada com versos e trava-línguas, enquanto a consciência fonêmica se aprimora com brincadeiras que incluem identificar o som inicial de palavras ou jogos de bingo de sons iniciais. Essas intervenções não apenas reforçam a relação entre oralidade e escrita, mas também proporcionam um ambiente de aprendizado interativo que favorece a alfabetização bilíngue.

Uma outra intervenção essencial para o desenvolvimento da consciência fonológica em crianças bilíngues envolve a estimulação da consciência fonoarticulatória dos fonemas, ajudando as crianças a perceberem como os sons da fala são produzidos fisicamente. Rigatti-Scherer e Wolff (2021) destacam a importância de atividades que orientem os alunos a sentir e compreender os movimentos envolvidos na produção de determinados sons, como o /m/, que é realizado com os lábios fechados e a vibração saindo pelo nariz. Essa abordagem pode ser enriquecida pelo Método das Boquinhas, descrito por De Melo, De Sousa e Fonseca (2019), uma metodologia de alfabetização que combina estratégias fônicas, visuais e articulatórias. O Método utiliza gestos visíveis que representam a articulação dos sons, auxiliando as crianças na percepção e produção correta dos fonemas, o que é especialmente útil em contextos bilíngues onde a distinção entre sons de diferentes línguas é necessária. Ao associar a produção do som aos movimentos articulatórios, essa metodologia proporciona um aprendizado mais concreto e eficaz.

Em resumo, as intervenções pedagógicas voltadas para a consciência fonológica são fundamentais para o sucesso da alfabetização bilíngue. Ao integrar estratégias auditivas, silábicas, fonoarticulatórias e de rimas, é possível não apenas mitigar os desafios inerentes ao bilinguismo, mas também promover uma alfabetização mais inclusiva e eficaz. O desenvolvimento dessas habilidades proporciona uma base sólida para o aprendizado contínuo, destacando a importância de práticas pedagógicas bem estruturadas e adaptadas às necessidades das crianças bilíngues.

5 Conclusão

A síntese das conclusões alcançadas neste estudo revela que o desenvolvimento da consciência fonológica em crianças bilíngues, apesar de desafiador, é um processo que pode ser altamente benéfico para a alfabetização em dois idiomas, como o português e o inglês. A pesquisa mostrou que as crianças que recebem apoio adequado, tanto em casa quanto na escola, por meio de estratégias pedagógicas específicas para o bilinguismo, são capazes de superar as dificuldades iniciais relacionadas à confusão entre sons e regras fonológicas de cada língua. Esse suporte direcionado permite que elas desenvolvam uma consciência fonológica robusta, essencial para o sucesso na leitura e escrita em ambos os idiomas.

Apesar dos avanços observados, o desenvolvimento da consciência fonológica em crianças bilíngues ainda é um campo que carece de pesquisas mais abrangentes e detalhadas. A falta de estudos específicos que abordem as particularidades e os desafios enfrentados por crianças que lidam com sistemas fonológicos distintos torna difícil generalizar os resultados ou estabelecer diretrizes pedagógicas uniformes. Como resultado, explorar mais a fundo as práticas pedagógicas e os impactos de diferentes contextos culturais e linguísticos no desenvolvimento da consciência fonológica dessas crianças pode fornecer *insights* valiosos para melhorar as metodologias de ensino bilíngue, adaptando-as às diversas realidades e necessidades dos alunos.

Outro ponto importante destacado foi a capacidade de transferência de habilidades entre os dois idiomas. Quando há semelhanças fonológicas entre as línguas, as crianças bilíngues conseguem aplicar o que aprenderam em uma língua na outra, o que facilita o processo de alfabetização. Contudo, as diferenças fonológicas e ortográficas, especialmente no inglês, representam desafios que demandam intervenções pedagógicas mais estruturadas para evitar a interferência entre os idiomas. O papel do professor se mostra fundamental nesse contexto, garantindo que as crianças pratiquem atividades focadas em ambas as línguas de forma equilibrada e sistemática.

Novas questões emergem a partir destas conclusões e sugerem direções para futuros estudos. Um dos principais pontos a ser investigado é o impacto a longo prazo do desenvolvimento da consciência fonológica em crianças bilíngues, especificamente em termos de fluência acadêmica e aquisição de outras línguas além do português e inglês. Seria interessante observar como a base fonológica adquirida durante a infância influencia o aprendizado de línguas adicionais e o desempenho acadêmico nas fases subsequentes da educação. Além disso, futuros estudos poderiam explorar mais profundamente o papel das famílias no apoio ao desenvolvimento da consciência fonológica e investigar como diferentes contextos socioculturais afetam o bilinguismo.

Como o suporte familiar pode influenciar significativamente o sucesso da alfabetização, é essencial investigar como o ambiente doméstico, o uso das línguas no cotidiano e as atitudes dos familiares em relação ao bilinguismo impactam o desenvolvimento fonológico. Pesquisas

que examinem esses fatores poderiam esclarecer de que forma o envolvimento da família e a criação de um ambiente linguístico rico e de apoio podem promover uma alfabetização bilíngue mais eficiente e integrada.

Um desdobramento importante para futuras pesquisas seria investigar com mais profundidade as intervenções didáticas mais eficazes para superar as dificuldades fonológicas específicas enfrentadas por crianças bilíngues. Estudos futuros poderiam focar na análise detalhada de diferentes estratégias pedagógicas, avaliando quais métodos oferecem os melhores resultados em termos de distinção e aplicação dos sistemas fonológicos de cada língua. Isso ajudaria a desenvolver práticas educacionais ainda mais eficientes e baseadas em evidências para apoiar o aprendizado bilíngue.

Em conclusão, embora os desafios da alfabetização bilíngue sejam reais, os benefícios de desenvolver uma consciência fonológica em duas línguas são significativos, tanto para o desempenho acadêmico quanto para o desenvolvimento linguístico geral das crianças. Futuras pesquisas sobre os fatores que influenciam o sucesso nesse processo, como as estratégias pedagógicas, o papel das famílias e os contextos educacionais, poderão fornecer insights ainda mais aprofundados, contribuindo para o aprimoramento das práticas educacionais voltadas ao bilinguismo.

6 Bibliografia

ADAMS, Marilyn Jager. . Learning To Read: What's hard developmentally was also hard historically. Ontario Institute for Studies in Education. YouTube, 16 jan. 2013, 1:38:50 h. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sLTuUoVByUo>.

ALVES, Ubiratã; FINGER, Ingrid; BRENTANO, Luciana de Souza. Os quatro níveis de literacia: uma proposta teórica. In: VII Jornada Internacional de Alfabetização. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2021.

ALVES, Ubiratã Kickhöfel; FINGER, Ingrid. Alfabetização bilíngue e o desenvolvimento de atividades de consciência fonológica. Educação de Professores para o Contexto Bi/Multilíngue: Perspectivas e Práticas, Campinas, Pontes, p. 38-58, 2022.

ANDRADE, Ana Luiza de Paula. O perfil do professor alfabetizador bilíngue: dificuldades e estratégias de alfabetização dentro de uma escola bilíngue do DF. 2023.

ANDRADE, Rayssa Mesquita de et al. O que é, afinal, uma escola bilíngue?: A voz do professor nos programas bilíngues de escolas da Região Metropolitana do Recife. 2019. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco.

BARRERA, Sylvia Domingos; DOS SANTOS, Maria José. Conhecimento do nome das letras e habilidades iniciais em escrita. Boletim Academia Paulista de Psicologia, v. 36, n. 90, p. 1-15, 2016.

BIALYSTOK, Ellen. The bilingual adaptation: How minds accommodate experience. Psychological bulletin, v. 143, n. 3, p. 233, 2017.

BRASIL, British Council. Demandas de Aprendizagem de Inglês no Brasil. Elaborado com exclusividade Para o British Council pelo Instituto de Pesquisa Data Popular. 2014.

BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996 - Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília Ministério da Educação, Brasil.

BRASIL. Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para a oferta de Educação Plurilíngue. 1. ed. Brasília, 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/cne/normas-classificadas-por-assunto/educacao-plurilingue>. Acesso em: 23 nov. 2024.

BRASIL. Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1997a. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf. Acesso em: 23 nov. 2024.

BUCHWEITZ, Augusto; MOTA, Mailce Borges; NAME, Cristina. Linguagem: das primeiras palavras à aprendizagem da leitura. In: LENT, Roberto; BUCHWEITZ, Augusto; MOTA, Mailce Borges. (Org.). Ciência para educação: uma ponte entre dois mundos. Porto Alegre:

Atheneu, 2017.

CHEDIAK, Sheylla. Biletramento na educação bilíngue eletiva: aquisição do português e inglês em contexto escolar. Appris Editora e Livraria Eireli-ME, 2019.

COLELLO, Silvia Maria Gasparian. Sentidos da alfabetização nas práticas educativas. Alfabetização e seus sentidos: o que sabemos, fazemos e queremos, p. 169-186, 2014.

COSTA, Ana Carolina Dias da. Sobre a expansão do ensino bilíngue no Brasil: reflexões oportunas. Anais Eletrônicos do IV SEFELI, v. 4, 2018, 2018.

COUTRIM, E. Brasil apresenta desafios no ensino de inglês e bilinguismo. [S. I.], 2019. Available at: https://catracalivre.com.br/quem-inova/brasil-apresenta-desafios-no-ensino-de- ingles-e-bilinguismo/. Acesso em: 15 out. 202.

CRAVEIRO, Clélia Brandão Alvarenga et al. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica: diversidade e inclusão. 2013.

CYSNE, Karla. Intervenção em consciência fonológica em crianças com dificuldades de leitura e escrita. 2013. Dissertação de Mestrado. Universidade NOVA de Lisboa (Portugal).

DE MELO, Lívia Carolina Batista; DE SOUSA, Ms Geraldo Antônio Alves; FONSECA, Ma Márcia Auxiliadora. INDO ALÉM DO CODIFICAR E DECODIFICAR: o Método das Boquinhas no processo de alfabetização. 2019.

DE SANTIS, Ananda Brasolotto; DEL RÉ, Alessandra. A linguagem dirigida à criança em uma sala da Educação Infantil bilíngue inglês-português. Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978), v. 48, n. 3, p. 1349-1371, 2019.

DIAS, Isabelle Almeida; MUNER, Luana Comito. Os benefícios do bilinguismo para o desenvolvimento cognitivo infantil em crianças de dois a seis anos. AMAzônica, v. 23, n. 1, p. 230-246, 2019.

ESPÍRITO SANTO, Emanuela Rodrigues do. A formação do professor para o ensino bilíngue. 2019.

FAIAD, Lia Netto Vaz. Desenvolvimento do processamento fonológico em crianças inseridas no ensino bilíngue. 2021. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

FINGER, I. Bilinguismo, biliteracia e alfabetização bilíngue. Signo, v. 49, n. 95, p. 26-40, 26 jul. 2024.

FINGER, Indrid; ALVES, Ubiratã Kickhöfel. Alfabetização em contextos monolíngue e bilíngue. Editora Vozes, 2023.

FREIRE, Thaís. Ações da fonoaudiologia na escola: programa de estimulação da consciência fonológica em escolares do 1° ano do ensino fundamental. 2018. Tese de Doutorado. Univer-

sidade de São Paulo.

FRENCH, L. G. Bilingual education in Brazil - multiple perspectives on language learning. [S. 1.], 2019. Available at: https://www.newroutes.com.br/ingles/bilinguismo/bilingual- education-in-brazil/. Acesso em: 15 out. 2024.

KIVISTÖ-DE SOUZA, Hannna. Consciência fonológica. Investigando os sons de línguas não nativas: Uma introdução, p. 153-174, 2021.

KOYAMA, Caroline Akemy; MÜLLER-PALOMAR, Meire Terezinha. BILINGUISMO NA EDUCAÇÃO INFANTIL. Revista Eletrônica FACP, n. 16, 2019.

KRENCA, Klaudia et al. Phonological specificity relates to phonological awareness and reading ability in English–French bilingual children. Reading and Writing, v. 33, n. 2, p. 267-291, 2020.

MAGALHÃES, Justino. Escolarização e literacias: os sentidos da alfabetização e a diversidade cultural. Alfabetização e seus sentidos, p. 39, 2014.

MARINI, Eduardo. A expansão das escolas bilíngues no Brasil. Revista Educação, 2018.

MEDEIROS, Ana Carolina Dantas de et al. O bilinguismo no desenvolvimento das habilidades de consciência fonológica: revisão integrativa da literatura. Revista CEFAC, v. 22, p. e0320, 2020.

MEGALE, Antonieta. Educação bilíngue no Brasil. São Paulo: Fundação Santillana, v. 1, 2019.

MENCHIK, E. Consciência fonoarticulatória: Boquinhas em 3D como recurso pedagógico. In: SCHERER, A. P. R.; WOLFF, C. L. (orgs.). Consciência linguística na escola: Experiências e vivências na sala de aula e na formação de professores. Curitiba: Appris, 2020, p. 193-206.

MENDES, Gabriela Guarnieri. Processamento fonológico e habilidades de leitura e de escrita em crianças em processo de alfabetização. 2015. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

MENDES, Sandra Sofia Raposo. A consciência fonológica e a importância do seu domínio na aprendizagem da leitura e da escrita. 2015. Dissertação de Mestrado. Instituto Politecnico de Castelo Branco (Portugal).

MOLINA, Carolina Batista. Consciência fonológica no biletramento português/inglês na educação bilíngue: uma proposta didática. 2023.

NOVAES, Carolina et al. Treinamento breve de consciência fonológica: impacto sobre a alfabetização. 2013.

OTTONI, Tainara da Silva. Consciência fonológica em crianças em contexto de aprendizado bilíngue no Brasil: revisão de cenário e adaptação de proposta de atividade. 2024.

PARK, Kelly. Processamento fonológico em escolares bilíngues coreano e português-brasileiro. 2019. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

PATELLI, Mariana Burckarte. Neurociência, bilinguismo e o processo de aprendizagem na primeira infância. Campinas, SP, 2015.

PEREIRA, Rogéria Costa. A estrutura silábica do alemão como língua estrangeira na interlíngua de aprendizes brasileiros. Pandaemonium Germanicum, v. 22, p. 97-127, 2019.

PERRI, M. A alfabetização em escolas bilíngues: possibilidades e consequências. Pedagogia ao Pé da Letra. Educação, 2013.

POLIDÓRIO, Valdomiro. O ensino de língua inglesa no Brasil. Travessias, v. 8, n. 2, p. e10480-e10480, 2014.

PREUSS, Elena Ortiz; ÁLVARES, Margarida Rosa. Bilinguismo e políticas linguísticas no Brasil: da ilusão monolíngue à realidade plurilíngue. Acta Scientiarum. Language and Culture, v. 36, n. 4, p. 403-414, 2014.

REIS, Anna Paula da Silva et al. Consciência fonológica e a alfabetização de jovens e adultos: reflexões sobre o processo de aquisição da leitura e escrita. 2020.

RODRIGUES, L. M. P.; GOMES, R. de S. O bilinguismo infantil e o inglês no brasil: criando filhos bilingues através do bilinguismo simultâned. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento, [s. 1.], v. 11, n. 06, p. 05-21, 2018. Available at: www.nucleodoconhecimento.com.br

SCHERER, Ana Paula Rigatti. O tripé da alfabetização: consciência fonológica, princípio alfabético e letramento. Linguística: revista de estudos linguísticos da Universidade do Porto, p. 33-44, 2020.

SCHERER, Ana Paula Rigatti; WOLFF, Clarice Lehnen. COMO TRABALHAR A CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA NA ALFABETIZAÇÃO?. Consciência Linguística na Escola: Experiências e Vivências na Sala de Aula e na Formação de Professores, 2021.

SCHOENEL, Ariane Souza Pena et al. Influência do processamento fonológico no mau desempenho escolar: revisão sistemática de literatura. In: CoDAS. Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia, 2020. p. e20180255.

SELINKER, Larry. Interlanguage 40 years on: Three themes from here. In: Interlanguage. John Benjamins, 2014. p. 221-246.

SILVA, Nathane Sanches Marques; CRENITTE, Patrícia Abreu Pinheiro. Desempenho de crianças com risco para dificuldade de leitura submetidas a um programa de intervenção. In: CoDAS. Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia, 2016. p. 517-525.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. A criança na fase inicial da escrita: a alfabetização como

processo discursivo. Cortez Editora, 2017.

SOARES, Ana Cristina Bonetti Brasil. Do ensino de língua estrangeira à educação bilíngue: uma breve análise da educação para o bilinguismo no Brasil. Revista Diadorim, v. 22, n. 1, p. 154-173, 2020.

SOARES, Magda Becker. As muitas facetas da alfabetização. Cadernos de pesquisa, n. 52, p. 19-24, 1985.

SOARES, Magda. Letramento-um tema em três gêneros. Autêntica, 2018. TENÓRIO, Sabrina Mª; ÁVILA, Clara Regina Brandão de. Processamento fonológico e desempenho escolar nas séries iniciais do ensino fundamental. Revista CEFAC, v. 14, p. 30-38, 2012.

TENÓRIO, Sabrina Mª; ÁVILA, Clara Regina Brandão de. Processamento fonológico e desempenho escolar nas séries iniciais do ensino fundamental. Revista CEFAC, v. 14, p. 30-38, 2012.

WISSMANN, Jéssica. Práticas pedagógicas no processo de alfabetização em contexto de educação bilíngue. 2023.

WONG, Becky; YIN, Bin; O'BRIEN, Beth. Neurolinguistics: Structure, function, and connectivity in the bilingual brain. BioMed research international, v. 2016, n. 1, p. 7069274, 2016.